

Santiago López Moreda (ed.)

IDEAS

Conflicto, drama y literatura en el mundo antiguo



EDICIONES CLÁSICAS
MADRID

Primera edición 2003

© Santiago López Moreda (ed.)
Julio Gómez Santa Cruz (coord.)
© EDICIONES CLÁSICAS, S.A.
San Máximo 31, 4º 8
Edificio 2000
28041 Madrid
Tlfs. 91-5003174 / 91-5003270
Fax: 91-5003185. E-mail: ediclas@arrakis.es
www.edicionesclasicas.es

ISBN: 84-7882-528-2
Depósito legal: M-31757-2003
Impreso en España

Imprime: EDICLÁS
San Máximo 31, 4º 8
Edificio 2000
28041 Madrid
Encuadernación Cayetano
Mateo García 29. Madrid

ÍNDICE

PRESENTACIÓN	
Jorge Márquez, director del Festival	9
I. GUERRA Y VEJEZ	
1. <i>La guerra como tema en la Literatura Latina</i> Antonio Alvar Ezquerra	13
2. <i>Edipo en Colono: la vejez en el Mundo Occidental</i> Antonio López Eire	53
3. <i>Semblanzas de la vejez en la literatura grecolatina</i> Santiago López Moreda	67
4. <i>O tema do fratricidio no humanismo renacentista português</i> Antonio Mª Martins Melo	85
5. <i>Laços de família no teatro antigo: o drama dos atridas em Séneca</i> Nair de Nazaré Castro Soares	107
II. LA CONFIRMACIÓN FEMENINA	
6. <i>Tratamiento literario de la venganza femenina. El caso de Medea</i> Eustaquio Sánchez Salor	149
7. <i>La mujer romana del siglo I vista por los escritores de la época</i> Joaquín Villalba Álvarez	167
8. <i>La emancipación de la mujer en el siglo I del Imperio. Derecho y moral</i> Manuel Mañas Núñez	195
9. <i>Mujer y poder en la dinastía Julio-Claudia</i> Julio Gómez Santa Cruz	219
III. REALISMO Y FICCIÓN EN EL CONFLICTO	
10. <i>El enfrentamiento entre dos mundos: Oriente y Occidente</i> Julio Mangas Mangarrés	235
11. <i>Monstruos y héroes míticos. Al hilo de los trabajos de Hércules</i> Benjamín García-Hernández	251
12. <i>Las Amazonas. El mito griego en las letras latinoamericanas</i> Natalia Moreleón Guízar	277
13. <i>El enigma del origen de la tragedia</i> José Vara Donado	291

Tú das gozo celestial a los santos, Tú premias con creces a los justos,
que la pena del desdichado Eugenio sea leve, te lo suplico»⁵³.

⁵² Isidoro de Sevilla, *Etimologías*, XI 2, 30.

⁵³ *Impia iam miserum captat curvare senecta, / inde dolore novo carmina maesta cano.
Fletibus ecce rigo roranti vertice malas / et lacrimosa petunt murmura nostra polum.
Ante tamen nostris ipsa pandetur iambis, / quam noceat morbis intoleranda suis:*

*Crudelis aetas, o senecta improba, / quae cuncta pulchra fauce saeva devoras,
rictu voraci nigra pandis guttura, / mortale germen ut noverca saucias
et sauciatum mortis ense perforas. / Te proximante robur omne deficit,
salus recedit, aegritudo provenit, / sensus hebescent, pulchritudo deperit,
tabescit aegrum pectus in suspiriis, / gaudere taedet, eiulare complacet.
Tu frangis ossa, membra rugis asperas, / comas recidis atque canos inseris,
dentes retundis, muculentos efficis, / tremore foedo corpus omne discutis,
febre minaris et dolores ingeris. / Per te podagra dura gignit tubera,
anhela tussis expuit putriflua, / cutem perurit vulnere profusio,
potus cibique nulla delectatio: / lamenta sola conferunt solacium.
Haec taediosa mente dum recogito, / libet, relictis omnibus quae transeunt,
Deum timere, sempiterna quaerere, / terrena lucra deputare pulverem,
orare semper atque flendo dicere: / Abite pessum vana mundi gaudia,
opes caducae, lutulenta praedia, / fasces, honores, blandimenta noxia;
iam finis instant et ruina proximat, / iam mors cruenta nostra pulsat limina.*

*O mors omnivorax, ad te nunc verto querellam: / cur miserum sequeris? Cur properata
venis? / tu facis ut rapido volvuntur tempora cursu
adcelerentque suos fata cruenta gradus. / Cum tu deproperas, tunc vitae gaudia cessant,
umbra pavenda venit, lux radiata fugit. / Omnia vitali privantur viscera motu,
clauduntur oculi, garrula lingua tacet / surdescunt patulae trisus anfractibus aures,
naribus obclusis non odor ullus adest, / non spirat pulmo flabris vitalibus auras,
frigida membra rigent nec cruor ipse calet. / Tabe fluunt carnes, conrodunt omnia
vermes, / sic species hominis fit putrefacta cinis.*

*Multa pavenda quidem cecini multaque tremenda, / sed mage quid verear, nunc
lacrimando loquar. / Iudicis altithroni iam tristis cerno tribunal,
cuius ad intuitum cuncta creata tremunt. / Substernit niveas caelorum turba coronas
et titubante genu proruit ante thronum; / cernere sic ambit dominum, sic semper amare,
ut pulset animum mixtus amore timor.*

*Quid faciet ergo vermis, putredo, favilla, / si Christi faciem corda pavent?
Oppressi, nudavi, crimina sinxi, / pauperis ad vocem mens mea surda fui,
corrupti proprium lascivo vulnere corpus: / hinc miser, hinc pavidus, hinc tremulens eo.
Nulla meas umquam venia conspescuit iras / nec sine felle furens nec sine caede fui.
Inde pavet animus, similes ne perferat ictus / aut poena laceret, quae sine fine nocet.
Nam licet hic modico patrentur tempore probra, / longa tamen animam post male flamma
cremat.*

*Talia dum rite pavo, dum corde tremesco, / te, te, summe deus, pro pietate peto
(te sine nemo velet peccati tollere labem / aut mentem vitii emaculare suis):
dimitte culpam misero, dimitte reatum, / effice post lapsum, post mala tanta bonum.
Parce, precor, animae pulsanti, parce petenti, / quae flammam metuit, dum sua facta gemit.
Gaudia tu sanctis, tu reddis praemia iustis, / Eugenii miseri sit rogo poena levis.*

O TEMA DO FRATRICÍDIO NO HUMANISMO RENASCENTISTA PORTUGUÊS¹

Doutor António Maria MARTINS MELO
Universidade Católica Portuguesa - Braga

Ao meu querido amigo, Dr. D. Santiago López Moreda

É do nosso conhecimento que os Poemas Homéricos, a *Iliada* e a *Odisseia*, têm a precedê-los uma viva tradição épica, com raízes nas mitologias do Oriente Antigo: estamos a recordar, por exemplo, a célebre Epopeia de Gilgamesh, uma criação poética mesopotâmica. A esta riquíssima tradição cultural sumero-acádica também não é alheia a redacção do *Génesis*, o primeiro livro da Bíblia. Um dos temas que aproxima aquele poema épico das Sagradas Escrituras é a referência ao dilúvio, embora testemunhem universos teológicos distintos².

O relato de um dos primeiros homicídios da humanidade³, consumado numa das suas formas mais lancinantes, o fratricídio, chega-nos através do *Génesis*⁴: por ciúme, Caim mata o seu irmão gémeo, de nome Abel.

¹ Este trabalho é a reelaboração de uma conferência, com o mesmo título, proferida no Museu Nacional de Arte Romana, em Mérida, em Julho de 2002, em colaboração com a «Sociedad Española de Estudios Clásicos», delegação da Extremadura. A ambas as instituições queremos manifestar a nossa gratidão.

² No plano religioso, assiste-se a uma oposição entre o monoteísmo bíblico e o politeísmo babilónico. Depois deve sublinhar-se que o dilúvio bíblico assume fundamentalmente um designio salvífico da humanidade, sem distinção entre judeus e pagãos, através de uma aliança que Deus estabelece com Noé: a história da salvação apresenta-nos Abraão como descendente de Sem, filho de Noé (*Génesis*, 11.10-32).

³ *Thesaurus linguae latinae* Editus iussu et auctoritate consilii ab Academiis Societatibusque Diversarum Nationum Electi. Stuttgart. Vol. VI-1. Leipzig: G. G. Tubner, 1912-1926, col. 1261.

⁴ Um dos cinco livros de Moisés, que integra o Antigo Testamento; os outros quatro são o *Êxodo*, o *Levítico*, os livros dos *Números* e o *Deuterónimo*. A este conjunto dá-se a designação de *Pentateuco*, um dos livros históricos do Antigo Testamento.

O vocábulo fratricídio tem origem no termo latino *fratricidium* (*frater*, irmão e *caedere*, matar: assassinio do irmão ou irmã): o autor deste hediondo crime designa-se fratricida, vocábulo com a mesma etimologia⁵.

Expulsos do jardim do Éden, à custa de penoso trabalho hão-de Adão e Eva arrancar à terra o alimento⁶. Com sofrimento são gerados Caim e Abel: o primeiro dedicou-se à agricultura⁷, Abel à pastorícia⁸. Nasce, assim, a primeira família, com uma existência marcada pelo quotidiano suor do rosto.

A acalmia das lides domésticas viria a ser interrompida abruptamente. Com efeito, a fé de Abel⁹ levou-o a fazer uma oferenda dos primogénitos do seu rebanho ao Senhor, que o olhou favoravelmente. Caim imitou o exemplo do irmão, mas não havia de colher a mesma simpatia¹⁰. E sobreveio o ciúme.

Caim, matreiro, vai dissimular a sua ira e convidar o irmão para uma escapadela no campo. Longe da casa paterna, o inocente Abel iria tombar às mãos do irmão.

Não obstante este horrendo crime, outorgam os textos sagrados a Caim a fundação da primeira cidade, que recebeu o nome do seu primeiro filho, Henoc¹¹. Bagatelas ou, melhor, questiúnculas triviais continuam a justificar a presença do homicídio. Lamec, um dos habitantes desta cidade, confia às suas mulheres que matou um homem que o havia ferido; igual sorte conheceu um rapaz que o pisou¹².

O fratricídio, o parricídio e o incesto, que mancham a casa real de Tebas, são o motivo central de muitas tragédias gregas e latinas. Lembremos os crimes em que são férteis a mitologia e a história mítico-heróica da Antiguidade Clássica. A ambição desmedida conduziu à morte os dois irmãos, Etéocles e Polinices. A

⁵ Vide A. ERNOUT e A. MEILLET, *Dictionnaire étymologique de la Langue Latine. Histoire des mots*. Quatrième édition – quatrième tirage augmenté d'additions et de corrections nouvelles. Paris: éditions Klincksieck, 1985, p. 252. A construção destes dois vocábulos é feita sobre *par(r)icida* (o assassino de um dos pais), sendo de origem nebulosa o primeiro elemento deste composto, se bem que os latinos o aproximassem de *pater, parens* (Ibid., p. 483). Vide, ainda, JOSÉ PEDRO MACHADO, *Dicionário etimológico da Língua Portuguesa. Com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. III Vol. Lisboa: Livros Horizonte, 1977, p. 88.

⁶ *Génesis*, 3.17.

⁷ A tradição bíblica apresenta-nos a descendência de Caim identificada com pastores, os músicos e os ferreiros (*Génesis* 4.17 ss.).

⁸ *Génesis*, 4.1-2.

⁹ *Carta aos Hebreus*, 11.4.

¹⁰ *Génesis*, 4.4-5. Segundo parece, o original hebraico deixa antever a anterioridade do sacrifício de Abel.

¹¹ *Ibidem*, 4.17.

¹² *Ibidem*, 4.23-24.

versão mais conhecida é transmitida pela tragédia *Antígona*, de Sófocles (496-406 a. C.).

A esta lenda já tinha consagrado Ésquilo uma tetralogia, de que se conserva a terceira tragédia, *Os Sete Contra Tebas*, representada em 467 a. C.

Expulso de Tebas por Etéocles e Polinices, Édipo amaldiçoará estes dois filhos, ao predizer que cada um deles havia de morrer às mãos do outro. A fim de evitar tal maldição, decidem reinar alternadamente, pelo período de um ano. Como Etéocles, o primeiro a reinar, recusasse ceder o trono ao irmão, desencadeia-se uma disputa que os arrastará até à morte. Por ordem de Creonte, agora rei de Tebas, o cadáver de Etéocles é sepultado com todas as honras; a Polinices são negados os rituais fúnebres. Eurípides dedicou-lhe as *Suplicantes*, tragédia representada provavelmente depois de 424 a. C. A versão mais conhecida, contudo, é transmitida pela *Antígona*, de Sófocles, com representação em data desconhecida, talvez em 441 a. C.¹³

No prólogo sofocliano, que decorre em frente do palácio real, à noite, Antígona, perante a recusa da irmã Ismena, predispõe-se a desafiar o édito de Creonte, a fim de dar sepultura a Polinices. Surpreendida pelos guardas, é conduzida à presença do rei, que a interroga. Ao capricho do tirano opõe-se a indómita vontade feminina, que prefere a obediência às leis eternas e imutáveis dos deuses: «É que essas leis –diz Antígona para Creonte– não foi Zeus que as promulgou, nem a Justiça, que coabita com os deuses infernais, estabeleceu tais leis para os homens. E eu entendi que os teus éditos não tinham tal poder, que um mortal pudesse sobrelevar os preceitos, não escritos, mas imutáveis dos deuses. Porque esses não são de agora, nem de ontem, mas vigoram sempre, e ninguém sabe quando surgiram»¹⁴.

Na discussão com Hémon, que lhe transmite o pesar dos súbditos, o tirano Creonte vai ouvir da boca de seu filho uma das frases lapidares do regime democrático da pólis: «... não há Estado algum que seja pertença de um só homem»¹⁵.

Desta tragédia sofocliana, em que se tornou célebre a exaltação do homem, quando o coro entoava o primeiro estásimo –*Muitos prodígios há; porém nenhum maior que o homem* (vv. 332-333)–, fica-nos ainda o testemunho do perdão, na defesa da família face à pólis, quando Antígona dirige a Creonte esta frase: «Não nasci para odiar, mas sim para amar» (v. 524).

¹³ Neste ponto, não posso deixar de mencionar um dos contos de Eça de Queirós (1845-1900), *O Tesouro*, em que a ambição humana desmedida conduziu os três irmãos de Medranhos, Rui, Guanes e Rostabal, ao seu próprio aniquilamento. A acção decorre no reino das Astúrias, durante a Idade Média (séc. IX), e evoca a luta contra os muçulmanos.

¹⁴ SÓFOCLES, *Antígona*. Introd., versão do grego e trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Coimbra: INIC, 1987, vv. 450-455, pp. 56-57.

¹⁵ SÓFOCLES, *Antígona* cit., v. 737, p. 70.

Evocação das lutas entre Nero e Britânico é a tragédia senequiana *Tiestes*¹⁶, que representa a luta fratricida entre Atreu e Tiestes, filhos de Pélops.

Fortuna idêntica à história bíblica de Caim e Abel parece acompanhar a fundação de Roma. Segundo a lenda, depois de restituírem o trono de Alba a Numitor, seu avô, Rómulo e Remo, resgatados das águas do Tibre por uma loba que os amamentou¹⁷, decidem fundar uma cidade. Na colina do Palatino havia de nascer a ilustre *Vrbs*, a 21 de Abril de 753 a. C.¹⁸, segundo a cronologia tradicional¹⁹.

A determinação do local exacto foi decidida pelas divindades protectoras do país que, através dos seus augúrios, vão indicar também aquele que há-de governar a nova cidade. Rómulo dirige-se para o Palatino, enquanto Remo se instala no Aventino. A consulta dos augúrios, que se manifestou propícia a Rómulo, ficou assim registada pelo historiador romano Tito Lívio (59 a. C. – 17 d. C.)²⁰, na sua obra *Desde a fundação da Cidade*:

Priori Remo augurium uenisse fertur, sex uulgures, iamque nuntiatio augurio cum duplex numerus Romulo se ostendisset, utrumque regem sua multitudo consalutauerat: tempore illi praecepto, at hi numero auium regnum trahebant. Inde cum altercatione congressi certamine irarum ad caedem uertuntur; ibi, in turba ictus, Remus cecidit. Vulgatio fama est ludibrio fratris Remum nouos transiluisse muros; inde ab irato Romulo, cum uerbis quoque increpitans adiecisset: «sic deinde, quicumque alius transiliet moenia mea», interfectum. Ita solus potitus imperio Romulus; condita urbs conditoris nomine appellata.

¹⁶ Vide SENECA, *Tiestes*. Introd., tradução do latim e notas de J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Editorial Verbo, 1996.

¹⁷ Em Roma, pode admirar-se o famoso grupo escultórico no Museu Capitolino; esta cena aparece ainda imortalizada num baixo-relevo, exposto no Museu da Civilização Romana. Posteriormente, as duas crianças terão sido recolhidas por Fáustulo, o chefe dos pastores do rei Amúlio, que havia ordenado a sua exposição.

¹⁸ A indicação do ano pode variar: 754, 752 ou até 772 a. C.

¹⁹ Acerca dos primórdios de Roma, vide ALEXANDRE GRANDZZI, *La fondation de Rome. Réflexion sur l'histoire*. Préface de Pierre Grimal. Paris: Les Belles Lettres, Paris, 1991.

²⁰ No prefácio de *Ab Vrbe condita*, Tito Lívio expõe a sua visão da História, em termos pessoais e morais, procurando a exaltação da *pietas*, da *uirtus*, do *honor* e de outras virtudes romanas que fizeram a grandeza de Roma. Este propósito manifesta-se logo no prefácio quando afirma que o proveitoso da história é a possibilidade de mostrar toda a sorte de exemplos educativos; ali se encontram modelos a imitar em benefício próprio e da sua pátria, a par de acções vergonhosas, tanto pelos seus motivos como pelos seus resultados, que devem evitar-se (*Praefatio*, 10).

Para outras versões acerca da fundação de Roma, vide PIERRE GRIMAL, *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. de Victor Jabouille (*Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: PUF, 1951). Lisboa: Difel, 1992, pp. 406, 408-410; Ovídio, os *Fastos*, IV.837-856; V.451-484; A. JOHNER, «Rome, la violence et le sacré: les doubles fondateurs», *Euphrosyne*, 19 (1991) 291-302; J. THOMAS, «Rome historique et Rome imaginaire», *Euphrosyne*, 21 (1993) 275-284.

Diz-se que, em primeiro lugar, veio um augúrio para Remo, seis abutres. Já havia sido anunciado o augúrio, quando o dobro dos abutres se veio a manifestar a Rómulo. Um e outro foram proclamados rei pelos seus partidários: uns pela anterioridade do augúrio, mas os outros, pelo número das aves, retiravam-lhe o trono. Por isso, com esta querela, travaram uma luta de ódios que se transformou em morte: ali, no meio da multidão, ferido, morreu Remo.

Uma tradição mais conhecida diz que para zombar do seu irmão, Remo saltou os novos muros. Então, Rómulo, irritado e igualmente ameaçador nas suas palavras, acrescentando «deste modo, doravante quem quer que se atreva a transpor as minhas muralhas!» matou-se.

Assim, Rómulo, só, apoderou-se do império; a cidade fundada herdou o nome do seu fundador²¹.

No ano 38 a. C., quando as hostilidades entre o triúviro Octávio e Sexto Pompeio recomeçavam, Horácio vai perpetuar a ideia de que a guerra civil, quase ininterrupta desde o assassinio de César (15 de Março de 44 a.C.), é uma consequência deste fratricídio fundacional:

*Sic est: acerba fata Romanos agunt
scelusque fraternae necis,
ut immerentis fluxit in terram Remi
sacer nepotibus cruor.*

Assim é: terríveis destinos e o crime do homicídio fraterno conduzem os Romanos desde que se derramou sobre a terra, do inocente Remo, o sangue maldito para os seus descendentes²².

O fratricídio de Rómulo parece condenar os romanos a novos fratricídios²³. Esta atitude inscreve-se na tradição etiológica cultivada pelos prosadores da época republicana, em que «a apreensão da própria situação histórica se explica a partir de uma observação das origens e da análise dessas origens em função dos seus resultados»²⁴. Esta metodologia histórica valoriza os nexos de causa efeito que se estabelecem entre o passado e o presente.

Com o fim da guerra civil, marcado virtualmente com a vitória naval de Octávio, em frente ao promontório de Ácio, a 2 de Setembro de 31 a.C., inicia-se um

²¹ TITO LÍVIO, *Ab Vrbe condita*, I.7.1-3.

²² HORÁCIO, *Epodos*, VII, 17-20; *Q. Horati Flacci Opera*. Ed. D. R. Shackleton Bailey. Stuttgartiae in aedibus B. G. Teubneri, 1985; *Horácio. Sátiras. Epístolas. Arte Poética*. Ed. H. Silvestre. Madrid, 1996.

²³ Esta associação da guerra civil ao fratricídio de Remo está presente em Lucrécio (III.70-73) e Cícero (*Dos Deveres*, III.41).

²⁴ MARCELA NASTA, «Scelus fraternae necis: Rómulo, del asesinato a la apoteosis (Horacio, Ep. VII y Carm. III 3)», *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 20 (2001) 71.

período de paz e prosperidade sem paralelo na história de Roma. A literatura vai reflectir o ideário político desta época gloriosa, em que se propõe uma integração harmoniosa entre o passado e o presente²⁵. Por isso, Horácio vai reelaborar o mito fundacional de Roma, ao assimilar da figura de Rómulo ao deus Quirino, permitindo, assim, uma aproximação gloriosa a Augusto, prenúncio da sua apoteose: isto sucede na *Ode 3*, do livro terceiro²⁶.

A ideia de morte fundadora (*mors conditrix*)²⁷, aliada ao fratricídio, também a vamos encontrar n' *Os Lusíadas*, do grande vate lusitano, Luís de Camões (1525-1580)²⁸. Quando chegou ao porto de Melinde, na África Oriental, Vasco da Gama enviou ao rei da cidade um mensageiro, anunciando-lhe que tinha muito gosto em o receber a bordo da sua nau. Em clima de grande alegria, a frota lusitana engalanou-se para receber tão ilustre visitante. A pedido do rei, Vasco da Gama conta-lhe a história gloriosa da nação lusitana. Para isso, começa por traçar um plano para a sua exposição:

*Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.*²⁹

Assim, em primeiro lugar, o *valeroso capitão*³⁰ vai falar da localização geográfica de Portugal – *quasi cume da cabeça / De Europa toda*³¹ – para, em seguida, se ocupar dos grandes feitos militares do Reino Lusitano, a ditosa pátria minha amada³². Entre eles, o poeta vai mencionar, no canto IV, a batalha de Aljubarrota, que se iniciou ao sinal da *trombeta Castelhana, / horrendo, fero, ingente e temeroso*³³. Som *terribil*³⁴, medroso, que o poeta exacerbou com a ternura das mães que *aos peitos os filhinhos apertaram*³⁵.

²⁵ Vide M. FOX, *Roman historical myths. The regal period in augustan literature*. Oxford, 1996; A. POWEL (ed.), *Roman poetry and propaganda in the age of Augustus*. Bristol, 1992.

²⁶ Vv. 9-16. Tito Lívio refere uma versão que consagra a ascensão celeste de Rómulo (I.16.1-3).

²⁷ Vide MARÍA FLORENCIA CAMPELO ISSALY E JULIETA CARDIGNI MORALES, «Muerte fundadora: la Eneida de Virgilio», *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, 20 (2001) 57-65.

²⁸ Vide LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*. Edição comentada e anotada por Henrique Barrilano Ruas. Lisboa: Rei dos Livros, 2000.

²⁹ LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, III.5.7-8.

³⁰ *Ibid.*, II.109.1.

³¹ *Ibid.*, III.20.1-2.

³² *Ibid.*, III.21.1.

³³ *Ibid.*, IV.28.1-2.

³⁴ *Ibid.*, IV.28.7.

³⁵ *Ibid.*, IV.28.8.

*Começa-se a travar a incerta guerra: / De ambas partes se move a primeira ala*³⁶, *já pelo espesso ar os estridentes / Farpões, setas e vários tiros voam*³⁷, *vão crescendo os inimigos à volta da pouca / Gente do fero Nuno*³⁸ e

*Eis ali seus irmãos contra ele vão
(Caso feio e cruel!); mas não se espanta,
Que menos é querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a Pátria se levanta,
Destes arrenegados muitos são
No primeiro esquadrão, que se adianta
Contra os irmãos e parentes (caso estranho!),
Quais nas guerras de Júlio e Magno*³⁹.

Era o dia 14 de Agosto de 1385⁴⁰, perpetuado no Real Convento de Santa Maria da Vitória, mais conhecido por Mosteiro da Batalha, que o rei D. João I mandou erigir na localidade com o mesmo nome. Terminada esta horrenda guerra, o monarca vai cometer as ondas do Oceano⁴¹, o primeiro rei a fazê-lo, a fim de que *o Africano / Conheça, polas armas, quanto excede / A lei de Cristo à lei de Mafamede*⁴².

O poderio da ilustre *urbs Romana*⁴³, evocada na oitava atrás transcrita, com uma sugestiva alusão às guerras civis entre Júlio César e Pompeu, havia de conhecer a finitude em 476 d. C., com a deposição do imperador Rómulo Augústulo, por Odoacro, rei dos Hérulos.

Nas Sagradas Escrituras, a descendência de Caim é votada ao esquecimento, para se ocuparem exclusivamente da linhagem de Set⁴⁴. Entre os numerosos descendentes, chamou a nossa atenção Henoc que «andou na presença de Deus, e desapareceu, pois Deus levou-o»⁴⁵. Esta desapareção misteriosa, reiterada noutras passagens bíblicas⁴⁶, traz-nos à memória Rómulo e Utnapistim, o protagonista do dilúvio mesoptâmico na epopeia de Gilgamesh.

³⁶ *Ibid.*, IV.30.1-2.

³⁷ *Ibid.*, IV.31.1-2.

³⁸ *Ibid.*, IV.31.7-8.

³⁹ *Ibid.*, IV.32.

⁴⁰ Para este período conturbado da nação portuguesa, vide ARMINDO DE SOUSA, «Realizações» em JOSÉ MATTOSO (dir.), *História de Portugal*. II Vol. *A Monarquia Feudal*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1993, pp. 490-500.

⁴¹ LUÍS DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, IV.48.4.

⁴² *Ibid.*, IV.48.6-8.

⁴³ TITO LÍVIO, *Ab Vrbe condita*, IX.41.16; XXII.37.12; XL.36.14.

⁴⁴ *Gênesis*, 5.

⁴⁵ *Ibid.*, 5.24.

⁴⁶ *Carta aos Hebreus*, 11.5; *Eclesiástico*, 44.16 e 49.14.

Set, filho de Adão, dá continuidade, deste modo, à História da Salvação, interrompida, abruptamente, ao ser derramado «o sangue de justo Abel»⁴⁷, à imagem de Jesus Cristo. Inspirado na revelação de Deus e no advento do Salvador, há outras narrativas do Antigo Testamento que profetizam episódios da vida de Jesus Cristo: Abraão e Isaac, Moisés, José, David e Golias, Salomão.

De todas elas, interessa-nos, agora, a história de José que a tradição da Igreja nos apresenta também como uma *praefiguratio Christi*. Nesta linha prossegue a tragicomédia *Iosephus* do P. Luís da Cruz, S. J. (1543-1604) que se inspirou neste drama bíblico. Alguns trechos desta peça remetem-nos para esta aproximação, em prol de uma urgente *renouatio mundi*⁴⁸: no acto I, vítima da extrema *superbia fraterna*, José é condenado à morte (Jesus Cristo, inocente, também havia de ser condenado por inveja (*São Mateus*, 27.18); no acto II, Judá recomenda a venda de José por trinta moedas de prata (Judas Iscariotes entregou Jesus aos príncipes dos sacerdotes por trinta moedas de prata (*São Mateus*, 26.15) ...

Muito provavelmente, a representação desta tragicomédia novilatina ocorreu no Real Colégio das Artes, em Coimbra, em 1574. À semelhança de muitas outras obras que vêm à luz em época tridentina e de Contra-Reforma, integra-se no teatro escolar de tema bíblico que conheceu dimensão europeia. Do ponto de vista temático, interessa-nos essencialmente o tema do fratricídio.

A notícia de uma das primeiras representações deste drama bíblico chega-nos de Espanha: em 1523, Michael Carvajal levou à cena a *Tragedia llamada Josephina*, editada doze anos mais tarde, na cidade de Salamanca. Cornelius Crocus dar-lhe-ia expressão na língua latina, com representação na cidade de Amesterdão, decorria o ano de 1535. Entre os jesuítas, uma das primeiras representações deste tema ocorreu na cidade austríaca de Viena, em 1561⁴⁹.

Luís da Cruz, embora com algumas liberdades, vai seguir o relato do *Génesis* (37-50), com excepção dos capítulos 38, 48, 49 e 50. Com nítida inspiração em Santo Inácio de Loiola⁵⁰, o dramaturgo jesuíta parte duma visão universalista do mundo, onde o afastamento de Deus atirou a humanidade para as trevas do crime:

⁴⁷ SÃO MATEUS, 23.35.

⁴⁸ JEAN-MARIE VALENTIN, «*Les jésuites et la scène: Orphée, Pallas et la renouatio mundi*», em *Les jésuites à l'âge baroque*. Sous la direction de Luce Giard (CNRS) et Louis de Vaucelles, SJ. Grenoble, 1996, p. 131-142.

⁴⁹ Para um circunspecto das edições e representações deste tema, vide ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO, *O P. Luís da Cruz, S. J., e a tragicomédia Iosephus*. I – *Análise histórico-literária*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2001, pp. 59-74 (Edição policopiada).

⁵⁰ Esta visão universalista radica na contemplação da Encarnação, no primeiro dia da segunda semana. O Pai, o Filho e o Divino Espírito Santo contemplam a face da terra, cheia de homens, que se precipitam nas chamas infernais. Misericordioso, Deus vai redimir o género humano, enviando-lhe o seu Filho, que vai encarnar no seio da Santíssima Virgem (INÁCIO DE LOIOLA, *Exercícios Espiri-*

.....*Error, impietas, scelus
Commune repit. Lumen illud luminum,
Haustum a parente, flagitia mortalibus
Paene abstulerunt. Saxa diuinis colunt
Truncosque placant ligneos honoribus.*

O erro, a impiedade e o crime campeiam por toda a parte. Aquela luz das luzes, haurida de nossos primeiros pais, esses crimes quase a arrancaram aos mortais. Prestam culto aos rochedos e aos troncos de madeira veneram com honras divinas⁵¹.

Da linhagem de Abraão vai nascer o Salvador. Para lá se dirige o Arcanjo S. Miguel, o enérgico príncipe das milícias celestes (*alme Regnator poli*)⁵²:

.....*Abrahami domum
Me uisere iubet, quam sibi legit, duces
Vt inde terris omnibus magnum creet,
Orci nigrantis quem canes saeui tremant,
Homines secuti uerticem in caeli uolent.*

Ele ordena-me que visite a casa de Abraão, que elegeu para si, para nela se gerar o grande chefe de todas as nações. Diante dele, hão-de tremer os cães ferozes do negro Orco; os homens que o seguirem vão subir com ele até ao mais alto do Céu⁵³.

Raquel conceberá e dará à luz José, arrimo da velhice do pai Jacob, seu dilecto filho. Contudo, este é um pai que vive torturado pelas querelas domésticas, o desaforo de Rúben e os sonhos de José:

*Nunc liberorum copia est fastidio
Imo labori: coepta nam certamina
Turbant familiam, quae modo quo restinguere*

tuais. Trad. do autógrafo espanhol pelo P. Vital Dias Pereira. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999, pp. 63-66.

⁵¹ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus tragicocomoedia nuncupata*, vv. 07-11. As citações vão seguir a edição crítica elaborada por ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO, *O Pe. Luís da Cruz, S. J., e a tragicomédia Iosephus*. II – *Edição crítica*. Braga: Faculdade de Filosofia de Braga, 2001 (Edição policopiada).

Esta tragicomédia foi impressa, pela primeira vez, em 1604, na cidade francesa de Lião, num volume encorpado: *Tragicae comicaeque actiones, a regio artium collegio societatis iesu: datae conimbricae in publicum theatrum. Autore Ludouico Crucio, eiusdem Societatis, Olisiponensi: nunc primum in lucem editae et sedulo diligenterque recognitae*. Cum priuilegio. Lugduni, apud Horatium Cardon. 1605.

⁵² LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 12.

⁵³ *Ibid.*, vv. 54-58.

*Possim, pater monendo non intellego.
 Illud Rubeni turpe flagitium, sedet
 Alta repostum mente, quam timeo ex mala
 Similes nepotes stirpe nascantur mihi:
 Aetate multa at unicum fesso seni
 Iosephus esset columen, extinctae alterum
 Pignus Rachelis; is tamen curas meo
 Infigit animo. Cruciat hinc spes, hinc timor,
 Nocturna pueri uisa cum anceps audio
 Sol ille quid portendit? Est ne somnium,
 Species futuri uera uel mysteri?
 Quid Luna; quid manipuli? Quid stellae undecim?
 Iosephi adorant lumen an máius mei?*

Agora, o grande número de filhos causa-me fastio, ou melhor, canseira. De facto, as questões, depois de iniciadas, lançam a confusão na família; e, eu, como pai, ao adverti-los, não vislumbro de que maneira as possa suprimir. Aquele ignominioso crime de Rúben está gravado no fundo do meu coração: quanto eu temo que desta má geração me nasçam netos semelhantes.

Não obstante, na minha velhice, José, um dos penhores da falecida Raquel, seria o único apoio para este velho enfermo. Contudo, ele lança no meu espírito um mar de cuidados. Tortura-me por um lado a esperança, por outro o temor, quando oiço, hesitante, as visões nocturnas do menino. Que pressagia aquele Sol? Será sonho? Será uma verdadeira visão do futuro ou de mistério? Que significa a Lua? E os feixes? E as onze estrelas? Adoram a glória de José ou algo superior?⁵⁴

Jacob, incrédulo do sonho e seu simbolismo, aconselha o filho José a não lhe dar importância e incentiva-o a ir ao encontro dos irmãos, de quem não tem notícias, pois há muito estão ausentes na pastorícia, para os lados de Siquém.

José cumpre a vontade do pai e vemo-lo, na peça, errante por veredas expostas aos perigos da floresta. Um viandante vai ajudá-lo com a indicação do atalho mais curto (*compendiaria semita*)⁵⁵, que o havia de conduzir até aos irmãos.

José afasta-se e o coração do Viandante adivinha desgraça:

*Cur augurari fertur humanum, cauet,
 Incepta linquit saepe, diuinat, timet
 Puer ille non est sanguinis proles mei;
 At pertimesco, ne quid inueniat mali.
 Quaerit per ista lustra fratres, suspicor
 Pro fratribus aliquod fore ei infortunium.
 Sed suspicaci corde cur me macerem?*

⁵⁴ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 191-206.

⁵⁵ *Ibid.*, vv. 411-412.

*Nihil est mearum pulcher hic rerum puer.
 Ita sumus, animus in malis nostris dolet:
 At in alienis minime laetari, est satis.*

Diz-se que o coração humano é pressagioso: desconfia, muitas vezes abandona projectos, adivinha, receia. Aquele menino não é filho do meu sangue, mas receio que lhe venha a acontecer algum mal.

Procura os irmãos por estes lugares selvagens, mas suspeito que, em vez dos irmãos, venha a sofrer alguma desgraça.

Mas por que motivo me hei-de afligir eu com este meu coração receoso? Este menino formoso não é da minha conta.

Nós somos assim! O nosso espírito aflige-se com os nossos males, mas com os alheios alegrar-se o mínimo é o bastante!⁵⁶

Este discurso, com predomínio da parataxe, articula-se através do polissíndeto ou da construção assindética e privilegia as conjunções copulativas ou adversativas, de que resulta, a nível da *compositio*, a linearidade sintáctica, a *oratio soluta* ou a *oratio perpetua*. O *ornatus* vai preferir as *figurae per adiectionem*: a sinonímia (*augurari, suspicor, suspicaci; cauet, diuinat, timet, pertimesco*), numa *amplificatio* gradativa, a que está aliada a enumeração e a figura etimológica (*suspicator, suspicaci*), que intensifica a *uis* semântica. Ao serviço desta repetição, que intensifica a expressão emocional, afectiva, está ainda a aliteração (*ista lustra fratres, suspicor; suspicaci corde cur me macerem; sumus, animus in malis nostris*) e o homeoptoto (*cauet / timet*).

É este o *genus medium (mediocris)*, expressão dum estado de alma, em que o actor suscita a empatia do público (*delectare*), que no Viandante revê a confirmação dos seus receios. A *delectatio* é ainda reforçada por expressões lapidares que, afinal, confirmam a experiência particular de cada um dos presentes.

O espectador começa a temer pela sorte merecida do seu herói, vítima dum infortúnio que ele mesmo poderá vir a sofrer. É o despertar da compaixão que o temor e a empatia fazem suscitar ao público: segundo a *Poética* de Aristóteles⁵⁷, o temor (*phóbos*) e a compaixão (*éleos*) são os dois efeitos específicos da tragédia.

Entretanto, José vai-se aproximando dos irmãos: na sua inocência, imagina um reencontro feliz:

*Amplectar quem priorem de tot fratribus,
 Dubito. Quid ergo? Me fero in sinum omnium.
 Saluete fratres patris omnes nomine.*

⁵⁶ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 416-425.

⁵⁷ 1453b 11-14. Vide ainda a *Retórica*, 1385b 20-34.

Não sei qual hei-de abraçar primeiro de entre tantos irmãos! Que vou fazer? Lanço-me nos braços de todos. Saudações a todos, meus irmãos, em nome do nosso pai⁵⁸.

Mas entre os irmãos reinava o desejo de vingança, que Rúben procura apaziguar, incitando-os a reflectir, em busca da ponderação:

DANVS

Consilii egeamus? Puerum ut occidam ruo

RVBENVS

*Ne Dane praeceps fratris in caedem rue.
Deliberare oportet ante plurimum,
Quam caede fratris impiam tingas manum.*

DANVS

*Quid ais Rubene? RVB. Dane, maturo prius
Patranda debent facta consilio regi. (...)
...Immane saltem sanguinis
Fusi caute crimen, est in proximo
Cisterna luco, tollite, ablatum date
Praecipitem, ibi sepultus expiret puer:
Et incruenta morte ponetis metum.*

DÃ

Precisamos de tomar um conselho? Vou já a correr para matar o rapaz.

RÚBEN

Não te precipites, Dã, para o assassinio de teu irmão. É preciso deliberar muito, antes de manchares as tuas mãos ímpias com a morte de um irmão.

DÃ

Que dizes, Rúben?

RÚBEN

Dã, as acções a praticar devem antes ser guiadas por um conselho sensato. (...) Pelo menos, evita um crime cruel de derramamento de sangue. Há, aqui perto, no bosque, uma cisterna. Agarra-o e atirem-no para lá. Que o menino ali expire sepultado: com esta morte incruenta, poreis fim aos vossos receios⁵⁹.

Rúben opõe-se, deste modo, ao fratricídio e leva a "assembleia" dos irmãos a optar pela cisterna, num *agôn* que se caracteriza pelo *genus deliberativum*, um dos três géneros oratórios aristotélicos⁶⁰.

⁵⁸ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 607-609.

⁵⁹ *Ibid.*, vv. 574-579; 592-596.

⁶⁰ Vide ARISTÓTELES, *Retórica*, 1358 a-b; CÍCERO, *Da Invenção*, 2.51-59; 2.32.

Uma *comparatio brevis*, a conotar o *topos* clássico do *locus horribilis*, marca o início duma gradação emocional para o *páthos*. Enquanto José se aproxima, os irmãos dissimulam o rancor. Ouçamos as palavras de Simeão, que lidera a revolta dos irmãos:

*En fit propinquus, agnus a saeuo lupo,
Aut qualis a leone mactatur truci,
Vngues in istos incidet talis.*

Eis que se aproxima! Como um cordeiro que é morto por lobo cruel ou por um leão feroz, assim cairá ele nestas garras⁶¹.

Consumada a perfídia fraterna, segue-se um animado repasto, em que Judá vai aconselhar os irmãos a retirarem José deste antro da morte e o vendam a uns comerciantes ismaelitas, que entretanto se foram aproximando. Simeão aprova de imediato esta proposta e todos o vão seguir:

SIMEON

*O mente magna praeditum consultiior
Nunquam fuisti causa, res, tempus, locus
Pro te loquuntur. Eia me sequamini.
Felix bonumque quod sit, ipse assentior.*

OMNES

Vendatur exul: liberet fratres metu.

SIMEÃO

Ó homem dotado de tão grande espírito, nunca foste mais sensato! A causa, o negócio, o tempo, o lugar falam por ti. Vamos, segui-me. No que for feliz e bom, estou de acordo.

TODOS

Que seja vendido e exilado: dessa forma, livrará os irmãos do medo⁶².

Quase de imediato, os irmãos de José ensaiam a dissimulação do seu acto perante o pai. Enjeitada a hipótese de rapto, vão optar pela invenção de Dã: José é devorado por uma fera. A túnica embebida em sangue de cabrito, que Jacob vem a receber das mãos dum mensageiro, vai dissimular o crime e permitir que fique sepultado no silêncio para sempre (*Sic res potest / a sempiterno contegi silentio*)⁶³.

⁶¹ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 603-605.

⁶² LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 1200-1204.

⁶³ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 1368-1369.

Revendido a Putifar, intendente do faraó do Egipto, e após várias provações, será levado à presença do Faraó para decifrar o sonho das sete vacas gordas e das sete vacas magras, que os áugures egípcios não haviam decifrado satisfatoriamente:

*Ne Rex multa putes in somnia uisa, sed illis
Res eadem, uentura tamen, latet abdita formis.
Ille boum numerus, quae ripa in fluminis herbas
Carpebant laetas: et aristae surgere septem
Visae uno in calamo, ac grauida pinguescere gluma:
Septem instare canunt felices messibus annos,
Terra quibus nimias effundet prodiga fruges.
At tenues uaccae, spicaeque uredine tristes,
Septem alios inopes caeli sine frugibus orbes
Portendunt. Sic est. Penuria temporis huius
Hauriet immensas peperit quas copia messes:
Quippe famas toto rabiosa uagabitur orbe:
Attonitique malis et fertilitatis opimae
Obliti populi, flebunt steriles cere campos.*

Não julgues, ó Rei, que são muitas as coisas que viste nos sonhos. O assunto é o mesmo, há-de acontecer, mas jaz escondido nas suas formas. O número das vacas que pasciam a erva abundante na margem do rio, e as sete espigas que viste surgir num só caule a engordar dentro da casca pesada, querem dizer que estão iminentes sete anos de colheitas prósperas, em que a terra produzirá prodigamente colheitas abundantes

Porém, as vacas magras e as espigas de caule carunchoso representam outros sete anos de pobreza sem cereais. Assim é. A penúria deste tempo vai esgotar as imensas colheitas que a terra produziu, visto que uma fome devoradora há-de alastrar por todo o mundo. E os povos aturdidos com os males e esquecidos da rica fertilidade, chorarão os seus campos estéreis⁶⁴.

Recomenda, ainda, em conformidade, que se façam as provisões necessárias para acautelar o futuro. E José, vitorioso, por influência divina, é nomeado Príncipe do Egipto (*Principem Aegypti creo / Ego te*)⁶⁵, para executar o plano que acabava de propor.

Assim surge na pena do dramaturgo jesuíta a condenação da prática divinatória, corrente no mundo pagão. Entre os gregos, ficou famoso o Oráculo de Apolo, em Delfos – era seu intérprete a sacerdotisa Pítia. No coração do império romano, exerceram influência de relevo os áugures e os harúspices etruscos.

⁶⁴ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 2424-2436.

⁶⁵ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 2464-2465.

O flagelo da fome, entretanto, alastra por todo o orbe. José fica inquieto com a sorte da sua família; preocupa-o apenas a vontade de ser útil:

*Communi in orbis clade quid patris domus
Agat, in memoriam saepe cum lacrimis uenit.
Adhuc ne uiuet ille? Vel si mortuus
Abiit in umbras, quid mei fratres agunt?
Quaecumque sit condicio gentis patriae,
Posset utinam cognosci, ut in tanto malo,
Me subleuante fugiat atrocem famem.
In me quid illi fecerint haud cogito;
Sed quid beneficum facere Iosephum decet.*

No meio desta calamidade geral, muitas vezes me vem ao pensamento, de mistura com as lágrimas, o que se passará em casa de meu pai. Porventura, ele ainda estará vivo? Ou se já morreu e foi para as sombras dos mortos, que fazemos os meus irmãos?

Seja qual for a condição da gente da minha pátria, oxalá pudesse saber-se como é que no meio de tamanha desgraça poderia, com a minha ajuda, escapar a fome tão atroz. Não penso no que eles fizeram contra mim. Mas penso, sim, no que convém que José lhes faça de benéfico⁶⁶.

A casa de Jacob não fica imune. Um multidão infinita de povos (*Vestibulo clamat infinita gentium / Coacta turba*)⁶⁷ ocorre ao celeiros egípcios e clama auxílio (*Succurre Princeps, morimur oppressi fame*)⁶⁸. Entre estes povos (*Populos-que multos inter*)⁶⁹, o Administrador de José anuncia-lhe a presença de uns hebreus (*Hebraei quoque*)⁷⁰. O coração de José estremece! Ordena que venham à sua presença e recebe-os com palavras amargas:

*.....Metuendum patrum
Numen meorum; quid agam si fuerint mei?
Placide recipiam? An durus aggrediar, ferant
Vt quae dederunt? Tenlo: uis ipsos metu
Punire timidos? Cerno. Sunt fratres mei:
Seueritatem fingere est opus mihi.
Ostende uultus anime truculentos.*

⁶⁶ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 2766-2774.

⁶⁷ Ibid., vv. 2794-2795.

⁶⁸ Ibid., v. 2796.

⁶⁹ Ibid., v. 2798.

⁷⁰ Ibid., v. 2798.

Ó Deus temível de meus pais, que farei se forem os meus? Vou acolhê-los mansamente? Porventura deverei acometê-los com dureza, para que levem o que deram? Já sei: queres que sejam punidos com o medo, eles que já vêm receosos?

Já os vejo. São os meus irmãos. Preciso de fingir severidade. Mostra um rosto carrancudo, ó minha alma⁷¹.

A severidade aparente (*Seueritatem fingere*) e o semblante pesado (*uultus truculentus*) de José são sinais divinos «para que eles saibam, contudo, que Deus vingador não esquece o crime perpetrado» (*Quo discant tamen / Meminisse facti sceleris ultorem Deum*)⁷².

Apesar deste rosto duro (*ore duro*)⁷³, próprio de um tirano (*Quale est Tyranno*)⁷⁴, anima o seu espírito um grande desejo de reconciliação,

... .. *quippe Iosephum decet
Crudelitatem uincere, et patriae uetus
Amore caritatis odium extinguere.*

pois fica bem a José vencer a crueldade e apagar o velho ódio com o amor da predileção paterna⁷⁵.

Ainda antes de se dar a conhecer aos irmãos, José vai experimentar se as velhas sementes de ódio ainda perduram (*Lubet experiri uetera si durant adhuc / Semina odiorum*)⁷⁶. Ao mandar esconder, na bagagem de Benjamim, seu irmão uterino, o copo augural (*Augurale poculum*)⁷⁷, pretendia atrair sobre o irmão mais novo os velhos ódios.

Assim não acontece. Envergonhados (*O rem pudendam!*)⁷⁸, regressam ao palácio real confiantes na clemência do Príncipe (*ista forte tempestas uiri / Illius una concidet clementia*)⁷⁹. Judá, filho de Lia, oferece-se para expiar a falta de Benjamim:

... .. *ego uincola posco
Vtilior seruire tibi: puer inscius aevi
Sed iam sorte miser, pergat fulcire parentem,
Et uiuum retinere senem dum fata morantur.*

⁷¹ Ibid., vv. 2804-2809.

⁷² Ibid., vv. 2878-2879.

⁷³ Ibid., v. 2883.

⁷⁴ Ibid., v. 2884.

⁷⁵ Ibid., vv. 2885-2887.

⁷⁶ Ibid., vv. 3914-3915.

⁷⁷ Ibid., v. 3925.

⁷⁸ Ibid., v. 3982.

⁷⁹ Ibid., vv. 3988-3989.

Exijo as algemas, sou mais útil ao teu serviço. O menino ignorante, por falta de idade e já bem infeliz pela sorte que lhe toca, que vá sustentar o velho pai e mantê-lo vivo, enquanto retarda o destino⁸⁰.

E José, certificado da mudança dos irmãos, deixa que, finalmente, irrompa a chama viva (*flamma uiuida*)⁸¹, por tão longo tempo contida no seu peito:

*Erumpe flamma uiuida, et qualem tibi
Inclusa uenis exitum optabas, habe.
Vos hinc abite gentis o Aegyptiae.*

Irrompe, ó chama viva e tem a saída que desejavas, quando estavas escondida nas minhas veias. Vós, os egípcios, ide-vos embora⁸².

E de peripécia em peripécia chegamos à *anagnórise* aristotélica⁸³, ou seja, ao momento do reconhecimento de José:

*Ego sum Iosephus. Iosephus ego sum: Pater
Adhuc ne uiuit? Ecquis attonitam pauor
Mentem occupauit? Me propius accedite.
Libet osculari singulos: o pignora
Tam grata, quam reperta! Iosephus uocat.*

Eu sou José. José sou eu. O pai ainda está vivo? De algum de vós se apoderou o medo? Aproximai-vos para mais perto de mim. Quero beijar-vos a cada um, ó penhores tão gratos quando descobertos! José chama-vos!⁸⁴.

A história de José é o drama da própria humanidade: apesar das dúvidas constantes, ao longo da sua peregrinação terrena, Deus nunca abandona o Homem, no respeito pela aliança estabelecida, consubstanciada na Nova Aliança, tendo como sinal o próprio sangue de Jesus Cristo: «Porque este é o meu sangue, sangue da aliança, que vai ser derramado por muitos para remissão dos pecados»⁸⁵. Mas este é também o drama do amor familiar, nas suas múltiplas manifestações, no seio de uma organização de matriz patriarcal.

⁸⁰ Ibid., vv. 4049-4052.

⁸¹ Ibid., vv. 4053.

⁸² Ibid., vv. 4053-4055.

⁸³ *Poética*, 1452a 32-33.

⁸⁴ LUIS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 4058-4062.

⁸⁵ SÃO MATEUS, 26.28. A Bíblia testemunha o contrato que Deus estabeleceu com Noé, dando como sinal o arco-íris (*Génesis*: 8 e 9); a aliança e a promessa de uma descendência numerosa ao patriarca Abraão (*Génesis*: 15 e 17) e ainda a aliança que estabeleceu com Moisés, no monte Sinai (*Êxodo*, 19).

Simultaneamente, esta é a festa do perdão e da clemência que transforma o ódio em Amor. Se no tempo do P.^o Luís da Cruz, a família, célula fundamental da sociedade, estava em desagregação – a empresa dos descobrimentos ou as campanhas militares a isso obrigavam, como denunciou o poeta e dramaturgo português Gil Vicente (1465-1536), no *Auto da Índia* – hoje acentuam-se ainda mais esses sinais.

O fratricídio, através dos exemplos que apresentamos – e que não esgotam o tema –, apresenta como uma das causas comuns, a *fraterna iniuria*⁸⁶, que desperta o desejo de vingança, o *furor* senecano (*Thyestes*, 176-335). Com raízes homéricas, e designadamente na tragédia ática do séc. V a. C., emerge o *topos* do castigo do orgulho, da *hybris* por parte dos deuses, que encontra representação na tragicomédia *Iosephus*. Este motivo trágico, que se espraia numa *amplificatio* intencional, própria para despertar o *páthos*, – para o qual concorrem não só os *éthê*, os caracteres das personagens, mas a própria *elocutio* – está ao serviço da *utilitas causae*, da mensagem essencial do texto dramático: é urgente afastar o homem do seu egoísmo e arrogância e sensibilizá-lo para uma mudança de vida, a humildade e o perdão.

Significa o fratricídio um acto violento (*necis*)⁸⁷, resultante do assassinio brutal de um irmão (*fraterna caedes*)⁸⁸; aparentado com o parricídio (*parricidio*)⁸⁹, torna-se um acto ímpio contra as leis divinas (*nefas*)⁹⁰, pois resulta da *impietas*, e atenta contra a sociedade (*scelus, facinus audax*)⁹¹, enquanto resultado da *malitia*. Conduz este crime ao fim da unidade familiar, como se depreende das palavras de Jacob (*coepit nam certamina / turbant familiam*: as questiúnculas, depois de iniciadas, lançam a confusão na família)⁹².

José em momento algum agiu por vingança ou malvadez, como não de reconhecer os irmãos; impôs-se pela virtude. A justiça implica a clemência e José irá conceder o perdão aos irmãos, sem sentimentalismos, como um sábio estoíco (Séneca, *De clementia*, II.4-5)⁹³. No caminho da reconciliação, José não se deixa

⁸⁶ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., v. 639.

⁸⁷ *Ibid.*, v. 639.

⁸⁸ *Ibid.*, v. 583.

⁸⁹ *Ibid.*, v. 589.

⁹⁰ *Ibid.* vv. 583, 590. A condenação do homicídio é reiteradamente assumida na Bíblia: *Êxodo*, 20.13; *Deuterónimo*, 32.39; SÃO MATEUS, 5.21-26.

⁹¹ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 585, 617.

⁹² *Ibid.*, vv. 192-193.

⁹³ Este tratado é um marco importante para a ideologia imperial romana e na literatura denominada geralmente pela *Specula principum* que, eventualmente, tem a sua origem aqui (I.1). Sobre a importância desta obra na veiculação das doutrinas dos Tratados da realeza *dos pitagóricos*, vide L.

arrastar pela desgraça presente dos irmãos, mas tudo conduz sob o poder da razão. Emerge aqui a virtude cardeal estoíca da *Iustitia*. É ainda a manifestação da máxima de Epicteto, mais conhecida na tradução latina, *sustine et abstine*, a imperturbabilidade estoíca. A *uirtus* opõe-se o *uitium*, a *temperantia* de José venceu o *affectus* dos irmãos, que o haviam condenado ao exílio.

Esta reconciliação assume especial significado para as desavenças entre protestantes e católicos, no séc. XVI. É um forte apelo à pedagogia do amor fraternal, do amor *caritas*, numa altura em que ainda se mantém bem vivo na memória o morticínio de Saint Barthélémy, a 24 de Agosto de 1572.

Conhecedor do ambiente hostil dos egípcios, José não hesitou em receber os irmãos e, assim, desnudar a sua identidade. Atitude corajosa, que vai ser enaltecida pela realeza:

IOSEPHVS

... .. *Scilice. Dmittere*
Ignotus ipsos nolui: at gentis meae
Cur me pudebit, et patris uiri optimi?
Quamuis Hebraeos oderint Aegyptii?

PRINCEPS

Te gratiorem reddit hoc factum mihi.
Negare fratres, patriam, stirpem, suos
Est barbarorum, iura naturae quibus
Sancta improbantur. Macte uirtute, erige
Te spe futurae laudis. Inuideo tibi.
Documenta generi namque, das olim tuo,
Orbisque lati gentibus, qui te duce
Discent amare, pauperes quamuis, suos.

JOSÉ

Sim, claro. Eu não quis despedi-los sem me dar a conhecer. Mas por que havia eu de me envergonhar da minha raça e de meu bondoso pai? De facto, os Egípcios odeiam os hebreus!

PRÍNCIPE HERDEIRO

Este facto torna-te ainda mais agradável a mim. Negar os irmãos, a pátria, a raça, os seus, é coisa de bárbaros, os quais não aprovam os direitos sagrados da natureza.

Coragem, pois, arvora-te em esperança de futura glória. Inveje-te. Na verdade, dás uma lição à tua raça a que outrora pertenceste e às gentes de todo o orbe que, sob a tua chefia, aprenderão a amar os seus, por pobres que sejam⁹⁴.

JERPHAGNON, *Vivre et philosopher sous les Césars*. Paris, 1980; ID., *Vivre et philosopher sous l'empire chrétien*. Paris, 1983.

⁹⁴ LUÍS DA CRUZ, *Iosephus...* cit., vv. 4130-4141.

Neste tempo em que o predomínio da retórica, do hedonismo e do vazio têm «o furor de maré cheia»⁹⁵, que não se olvide este apelo do dramaturgo jesuíta Luís da Cruz em prol do respeito da humanidade que existe em cada ser humano, independentemente da raça, cor ou estatuto social: *homo sum, humani nil a me alienum puto* (Terêncio; *Heautontimorumenos*, v. 77). Novos povos, nações e continentes vão as descobertas náuticas dar ao mundo: somente a tolerância e o respeito mútuo hão-de permitir este diálogo de civilizações tão díspares. É no aconchego do lar que se inicia este crescimento aberto à diferença, numa clara afirmação do *ius gentium*, que marcou a centúria seguinte.

Sem negar a importância da Antiguidade Clássica, que muito deve ao Oriente Antigo, a matriz cultural mais marcante da Europa está no substrato judeo-cristão: «o que marca o pulsar profundo da Europa não é o ritmo das estações do ano, a cadência dos meses ou as fases da Lua. É o Natal e a Páscoa, com o Entrudo (entrada da Quaresma) pelo meio e o S. João e S. Pedro na recta final. É a semana com o ambicionado, relaxante e fundamentalmente sagrado fim-de-semana. (...) Natal, Carnaval e Páscoa não marcam só a vida campesina da aldeia. Definem o ritmo da escola, do trabalho e do lazer, dos negócios e das férias»⁹⁶.

A Bíblia⁹⁷, o livro sagrado por excelência da humanidade, está presente na história da música, da pintura, da escultura, do vitral, da literatura – nela encontrou Luís de Camões (1524-1580) inspiração para as redondilhas *Sóbolos rios* e o soneto *Sete anos de pastor Jacob servia*; o escritor alemão Thomas Mann (1875-1955) para a tetralogia *José e os seus irmãos*⁹⁸.

No séc. XX, o dramaturgo alemão Berthold Brecht havia de confidenciar que a Bíblia era a sua leitura preferida, num século em que um dos livros mais editados foi o *De imitatione Christi*, do místico flamengo Tomás Hemerken de Kempis (1380-1471), integrado no movimento da *Devotio moderna*. No século XVI, a par do Novo Testamento, este foi o livrinho da mesa de cabeceira de Santo Iná-

⁹⁵ MIGUEL BAPTISTA PEREIRA, «Nota de Abertura», em «*Da natureza ao sagrado...*» cit., p. 10.

⁹⁶ JOSÉ NUNES CARREIRA, «A matriz cultural profunda da Europa», em «*Da natureza ao sagrado. Homenagem a Francisco Vieira Jordão*». Coordenação de António Manuel Martins, João Maria André e Mário Santiago de Carvalho. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1999, pp. 472-473.

⁹⁷ A Bíblia foi um dos primeiros livros a ser impresso: ficou célebre a edição latina de Gutenberg, impressa em Mogúncia, muito provavelmente anterior a 1456. Para uma visão mais circunstanciada da religião cristã, vide HANS KÜNG, *O cristianismo. Essência e história*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.

⁹⁸ Baseada na narrativa bíblica homónima, compõe-se dos romances *Die Geschichten Jakobs* (1933), *Der junge Joseph* (1934), *Joseph in Ägypten* (1936) e *Joseph der Ernährer* (1947).

cio de Lioiola, que o designou «a perdiz dos livros espirituais», como testemunha o P.º Gonçalves da Câmara⁹⁹.

Entre os escritores portugueses contemporâneos, Agustina Bessa Luís não teve pudor em reconhecer que o Velho Testamento foi a obra que mais a influenciou na infância¹⁰⁰.

OUTRAS REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES, *Aristotelis De Poetica Liber*. Recognouit breuique adnotatione critica instruxit I. Bywater. Oxonii, 1955.
- , *Poetica d'Aristotele vulgarizzata e sposta* per Lodovico Castelvetro. Viena d'Austria, 1570.
- , *Poética*. Tradução, prefácio, introdução, comentário e apêndices de Eudoro de Sousa. Lisboa, 21990.
- BALLESTER, Martín Gelabert, «Cristianismo y cultura: una relación ambivalente», *Razón y Fe*, 231 (1995) 283-297.
- CAMÕES, Luís de, *Os Lusíadas*. Comentários de A. Epifânio da Silva Dias. Lisboa, 31972.
- Constituições da Companhia de Jesus, anotadas pela Congregação Geral 34 e Normas Complementares aprovadas pela mesma Congregação*. Lisboa – Braga, 1997.
- CRUZ, Luís da, *Tragicæ comicaeque actiones, a regio Artium Collegio Societatis Iesu, datae Conimbricæ in publicum theatrum*. Lugduni, apud Horatium Cardon, 1605.
- DAINVILLE, François de, *L'Éducation des jésuites (XVI-XVIII siècles)*. Paris, 1978.
- DIAS, J. S. Silva, *A política cultural da época de D. João III*. Coimbra, 2 vols., 1969.
- FREIRE, António, *A catarse em Aristóteles*. Braga, 21996.
- HORÁCIO, *Arte Poética*. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa, 1984.
- , *Arte Poética*. Estudio, traducción y comentarios de Manuel Mañas Nuñez. Cáceres, 1998.
- KRISTELLER, Paul Oskar, *Tradição clássica e pensamento do Renascimento*. Tradução de Artur Morão. Lisboa, 1995.
- LOIOLA, Inácio de, *Constituições da Companhia de Jesus*. Tradução e notas de Joaquim Mendes Abranches. Lisboa, 1975.
- , *Exercitia Spiritualia*. Textuum antiquissimorum nova editio. Lexicon textus Hispani. Opus inchoavit Iosephus Calveras S.J. Romae, 1969.
- MELO, António Maria Martins, «Luís da Cruz, dramaturgo novilatino», in *II Colóquio Clássico... Actas*. Coordenação de João Manuel Nunes Torão. Aveiro, 1997, pp. 119-132.
- , «Luís da Cruz (1543-1604, contemporâneo de José de Anchieta)», in *Actas do Congresso Internacional «Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)»*. I vol. Porto, 2001, pp. 127-137.

⁹⁹ Vide *Imitação de Cristo*. Tradução revista e confrontada com o original latino pelo P. António Cardoso, S. J. Braga: Apostolado da Imprensa, 61989, p. 8.

¹⁰⁰ Cf. JOSÉ NUNES CARREIRA, «A matriz cultural profunda da Europa», em «*Da natureza ao sagrado...*» cit., p. 474.

- Monumenta Paedagogica Societatis Iesu*. Edidit ex integro refecit nouisque textibus auxit Ladislaus Lukács, S.J. Romae, 5 vol., 1965-1986.
- ROBORTELLO, Francesco, *Francisci Robortelli Vtinensis in librum Aristotelis de arte poetica explanationes*. Florentiae, in officina Laurentii Torrentini Ducalis Typographi, 1548.
- SÉNECA, *Tragédies*. Texte établi et traduit par Léon Herrmann. Paris, 2 vols., ¹1982.
- SOARES, Nair de Nazaré Castro, *O Príncipe ideal no séc. XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*. Coimbra, 1994.
- , «Gratidão e lealdade: dois valores humanistas», em *Humanitas*, 46 (1994) 245-258.
- , «Pedagogia humanista no Colégio das Artes ao tempo de Anchieta», in *Actas do Congresso Internacional «Anchieta em Coimbra – Colégio das Artes da Universidade (1548-1998)»*. III vol. Porto, 2001, pp. 1039-1065.
- TEIVE, Diogo de, *Tragédia do Príncipe João*. Introd., texto, tradução e notas por Nair de Nazaré Castro Soares. Coimbra, ²1999.
- TERÊNCIO, *P. Terenti Afri Comoediae*. Edd. R. Kauer et W. M. Lindsay. Oxonii, 1951.
- VALENTIN, Jean-Marie, *Le théâtre des jésuites dans les pays de langue allemand: répertoire chronologique des pièces représentées et des documents conservés (1554-1773)*. Stuttgart, 1984.

LAÇOS DE FAMÍLIA NO TEATRO ANTIGO: O DRAMA DOS ATRIDAS EM SÉNECA

Nair de Nazaré CASTRO SOARES
Universidade de Coimbra

Séneca, pelo seu valor intrínseco e pela influência que exerceu na posteridade, é – com Cícero, Virgílio e Horácio – um dos quatro maiores autores da literatura latina.

O poeta-filósofo – que teve a vida ameaçada desde o governo de Calígula, que sofreu sob Cláudio o exílio na Córsega durante sete ou oito anos e que, chamado por Agripina para preceptor de Nero, acabou por se tornar conivente com a morte da sua protectora – dá voz, perante o espectáculo do poder despótico, a um teatro da frustração da alma humana, em que impera um pessimismo atroz.

Séneca sentia que em muitos dos seus contemporâneos se instalara um desejo enorme de morrer, a *libido moriendi*, que ele próprio partilhava, ao mesmo tempo que grassava um furor enorme de matar, a *libido occidendi*, que conduzia a uma *libido euertendi*, de tudo aniquilar.

Uma constante presença na literatura imperial é a «frequentação da morte», que vem de há muito tempo atrás.

Como consequência das guerras civis, que pareciam justificar o sentimento de que Roma tinha nascido sob má estrela – a morte de Remo às mãos do irmão gémeo Rómulo –, homens de várias gerações experimentaram esta vivência, que se prolonga nos séculos¹.

Mas onde essa presença é maior é no tempo de Nero, talvez porque os homens de letras tivessem sentido mais intensamente o drama das sevícias que nesse tempo se vivia².

¹ Lembremos a *Conjuração de Catilina* de Salústio, que termina com uma cena de desolação: um campo de batalha onde vencidos e vencedores acabam por chorar, vendo a largueza da calamidade que sobre eles caíra (cap. LXI). A própria poesia elegíaca, sobretudo em Tibulo e Propércio, não é alheia à «frequentação da morte».

² Catherine Connors, «Famous last words: authorship and death in the *Satyricon* and neronian Rome», in *Reflections of Nero*, edited by Jás Elsner & Jamie Masters, London, 1994, p. 225-235. Vide ainda Anthony A. Barrett, *Caligula. The corruption of power*, London, 1989.